

O partido LIVRE apresenta-se no cenário político português como um partido aberto, transparente e participativo. No lado da abertura o LIVRE permite a contribuição por parte de não membros do partido, nomeadamente a participação de apoiantes nas várias actividades partidárias e redação e discussão programática em grupos abertos à sociedade civil. Também a escolha dos seus candidatos a eleições é realizado via primárias abertas, em que não só permite votantes não membros do partido, como candidatos externos.

O LIVRE apresenta-se ao eleitor como um partido transparente nas decisões, com congressos públicos, Assembleias abertas ao público e transmitidas em direto, e reuniões públicas do Grupo de Contacto. Em terceiro lugar, na questão da participação, o LIVRE fomenta a participação horizontal nos processos de decisão, com redação dos programas eleitorais escritos com a participação de todos os membros e apoiantes (e também externos), e possibilidade de introdução de propostas individuais em Congresso. Já no campo da horizontalidade o LIVRE possui uma direção partidária colegial, cujo nome se define por Grupo de Contacto, não tendo um líder fixo.

Não há dúvida que o LIVRE difere em termos de estrutura organizativa, quando comparado aos restantes partidos portugueses, e mesmo no cenário europeu, são poucos os partidos que apresentam este tipo de qualidades. No entanto, dada a recente idade do LIVRE, é impossível negarmos que existe algum experimentalismo com a introdução deste tipo de soluções, e que mesmo sendo positivas, o bom senso diz-nos que, como em qualquer experiência, é necessário avaliar os seus resultados.

São várias as questões que podemos colocar acerca das consequências destas características organizativas.

A abertura e horizontalidade das primárias resultaram em mais participação activa? Qualquer processo eleitoral deve ser acompanhado de escrutínio democrático e debate substantivo das ideias políticas. As primárias abertas do LIVRE fomentam mais debate? Ou a sua abertura e conseqüente horizontalidade diluem o mesmo?

A transparência característica do LIVRE resulta em mais ou menos debate político? O LIVRE, sendo um partido político, e portanto uma organização com direito de reserva privada, necessita naturalmente de discussões fechadas, principalmente quando se trata de discussões internas. Coloca-se a questão de saber se a transparência exigida estatutariamente pode ou não ser fator de mitigação do debate.

No campo da decisão, temos assistido no LIVRE a processos de decisão morosos e intensos. Por exemplo, o LIVRE tem sido marcado por Congressos programáticos exaustivos, com dezenas de proposta discutidas e votadas individualmente em plenário. Esta morosidade é característica de processos de decisão horizontais, em que é necessário garantir a oportunidade de participação. Naturalmente, surge a questão se tais processos contaminam o debate e retiram espaço para discussão de pontos mais fundamentais do ponto de vista ideológico.

Após cinco anos de existência do LIVRE, com participação em vários atos eleitorais nacionais, é momento de avaliar e responder a estas questões. Assim, o IX Congresso do LIVRE delibera:

- No mandato que se segue deverá ter lugar um espaço transversal aos três órgãos (Grupo de Contacto, Assembleia e Conselho de Jurisdição) com o objectivo de avaliação das dinâmicas internas do LIVRE, resultantes dos actuais estatutos do partido. Esta avaliação poderá ser acompanhada por uma proposta final de reestruturação.
- Do resultado deste processo interno deverá ser dada a oportunidade a um Congresso Estatutário, com vista à discussão e implementação das alterações propostas.

Lisboa, 18 de Janeiro de 2018

Os membros,

Miguel Won

Documento sujeito a votação